

## Qual o papel da mídia na representação dos corpos Trans?<sup>1</sup>

Andre AMORIM<sup>2</sup>  
Danilo BORGES<sup>3</sup>  
Jaqueline SANTOS<sup>4</sup>  
Carla PAIVA<sup>5</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados da análise feita da série “Quem sou eu?”, veiculada pela revista eletrônica Fantástico da Rede Globo de Televisão, tendo como base a teoria *queer*. Para tanto, utilizamos como aporte teórico-metodológico os seguintes autores: Adriano Senkevics (2012), Helena Vieira (2017), Guacira Louro (2015), Richard Miskolc (2012), Sara Salih (2013) e Simone Beauvoir (1980).

**PALAVRAS-CHAVE:** transgêneros; teoria *queer*; Quem sou eu?; serie; análise

### INTRODUÇÃO

*Qual o papel do gênero na sociedade brasileira em 2017? Qual o papel da comunicação na representação dos corpos?*

Se as práticas e discussões de gênero foram pulsantes durante os anos 1960 no território brasileiro (LOURO, 2015), hoje, a busca pela ruptura dos processos sociais que interpelam os binários presentes na constituição da identidade de gênero é mais do que necessária, faz-se urgente. Essas demandas ganharam evidente centralidade nas relações sociais. A construção histórica-sociocultural do gênero perpassa as questões pessoais, as questões públicas, políticas e sociais. Ditamos, atribuímos, exercitamos, normatizamos e legitimamos os papéis de gênero cotidianamente. Adequamos e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 –no DT 7– Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo do DCHIII-UNEB, email: [amrimandre321@gmail.com](mailto:amrimandre321@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo do DCHIII-UNEB, email: [dbsadanilo@gmail.com](mailto:dbsadanilo@gmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo do DCHIII-UNEB, email: [jaquelis89@gmail.com](mailto:jaquelis89@gmail.com)

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do DCHIII- UNEB, email: [cpaiva@uneb.br](mailto:cpaiva@uneb.br)

categorizamos os sujeitos para que caibam dentro da “caixa” limitante a que estamos acostumados.

Esse processo de ruptura está sendo pensado a partir da teoria *queer* que busca a transformação das normas sociais no que tange ao gênero e à sexualidade dos sujeitos. Uma filosofia que promove o rompimento do olhar baseado nos ditames de relações pré-determinadas, pré-estabelecidas, ligadas ao aparato fisiológico sexual humano e questiona o olhar generificado e binário dos corpos: o do “menino” e da “menina”. (LOURO, 2015).

Estudar a luz da teoria *queer* os produtos comunicacionais nunca foi tão necessário, como bem acentuou Leandro Colling (2012), uma proposta de investigação que utilizaremos neste trabalho. Nosso objetivo é apresentar os resultados de uma análise da série “Quem sou eu?”, veiculada pela revista eletrônica Fantástico da Rede Globo de televisão, tendo como base a teoria *queer*. Nossa preocupação foi investigar como é pautada a construção do “ser transgêneros” através do discurso e da representação dessas imagens.

### **A série “Quem sou Eu?”**

A televisão brasileira tem mudado a forma de organização de seus programas. A linguagem utilizada, a inserção de alguns temas e a incorporação de um cenário interativo está apresentando novas perspectivas de exploração de conteúdos e participação. Boa parte dessas transformações se deve ao advento da internet, que tanto possibilita aos telespectadores dizerem o que querem como também reclamar quando não aprovam o que estão vendo. Por conta disso, a tevê começou a investir em outros formatos de fazer notícia, e as séries são apenas uma dessas formas. O programa classificado como série de telejornalismo serve para todos os tipos de público, variando o seu conteúdo e podendo utilizar diversas formas de trabalhar o tema escolhido. Além do fracionamento da informação e sua apresentação em momentos distintos, à utilização de infográficos animados garante uma linguagem mais ilustrativa para apresentar dados e informações.

O objeto de nossa reflexão - “*Quem Sou Eu?*”- é uma série jornalística especial, produzida pela Rede Globo e foi exibida no Fantástico ao longo de quatro edições consecutivas, de 12 de março a 02 de abril. O projeto foi adiantado para coincidir com

a estreia da novela "A Força do Querer", que trouxe na trama da diretora Glória Perez, uma personagem transgênera, que já tem causado manifestações nas redes sociais por ter uma criança envolvida no processo evolutivo da personagem.

A temática da série gira em torno do universo das pessoas transgêneras. Outro aspecto da produção se dá pelo acompanhamento das histórias dessas pessoas através dos relatos e perguntas como: Quando e como elas se descobriram trans? Como foi a reação da família? Dos amigos? Como está a assistência na saúde pública? Há aceitação? E o tratamento social? A série especial ressalta ainda a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual, além de traçar um paralelo com a história de "Alice no País das Maravilhas", de Lewis Carroll. Mas, a Alice de "Quem Sou Eu?" não está no país das maravilhas, ela parte em uma jornada de auto (re)conhecimento<sup>6</sup>, resistência, superação e representa todas as pessoas que não cabem nas caixas do binarismo compulsório de uma sociedade heteronormativa.

### **À guisa de uma síntese sobre a teoria *queer***

Para compreender a teoria *queer* é preciso que nos dispamos de todas as construções existentes de poder sobre gênero, sexualidade/desejo a qual estamos acostumados a ver como únicas e absolutas verdades. É preciso que estejamos abertos ao novo, a questionar os padrões e considerar posturas fora da "normalidade". Uma proposta de visão de mundo que surgiu no final da década de 1980, quando os primeiros estudos *queers* começam a ser desenvolvidos, principalmente, por pesquisadores e ativistas nos Estados Unidos.

É o momento em que feministas negras e do então chamado Terceiro Mundo, começam a criticar o caráter branco, de classe média e ocidental do feminismo anterior. Em movimento similar e articulado, o movimento homossexual e o feminista que passam a ser questionados por aqueles que viriam a ser conhecidos como queer. (MISKOLCI, 2012, p.13)

Traduzindo a expressão *queer* para o português temos "o estranho", aquele que se narra ou é narrado fora das normas. O termo, antes utilizado para ofender e discriminar homossexuais, travestis e transgêneros, é ressignificado e empoderado

---

<sup>6</sup> Utilizamos o recurso do parêntese para dar ênfase à palavra. Além disso, pretendemos provocar no leitor uma leitura de duas palavras que se formam a partir da leitura com/sem parêntese

para nomear o estilo de vida e filosofia dos sujeitos que fogem ao binarismo e a heteronormatividade. Os *queers* assinalam que, antes mesmo de nascer, o sujeito já tem seu gênero e sexualidade determinados pelas normas da sociedade, a partir do momento que o sexo da criança é descoberto no exame de ultrassom, já que desde esse momento são determinados quais papéis e identidades que aquele corpo deve ter na esfera social. “Se for homem, deve agir, se vestir com traços masculinos e sentir atração por mulheres. Se for mulher, deve exalar feminilidade e sentir atração por homens”.

Mas afinal, pode a (nome)ação<sup>7</sup> produzir o sujeito que nomeia? Beauvoir (1980) também atenta que a classificação do sujeito para uma identidade de gênero está antes mesmo do seu nascimento. Digamos até que, a atribuição da identidade de gênero foi/é a característica decisória na formação social que antecede a construção da identidade do próprio sujeito. Louro (2015) também afirma essa assertiva, definindo enquanto “interpelação fundante” essa atribuição que perpassam as características de classe e raça.

A justificativa usada para tanto é que isso faz parte da essência humana, é o normal, o aceitável. Dessa forma, todo ser que não se encaixar nesses padrões é considerado, desumano, anormal, errado. Judith Butler filósofa estadunidense e uma das precursoras da teoria queer, aponta em seus estudos sobre gênero a existência de uma “heterossexualidade compulsória” que seria “a ordem dominante pela qual os homens e mulheres se veem solicitados ou forçados a ser heterossexuais” (SALIH, 2012, p.71). Além disso, os próprios casais homoafetivos se veem nessa condição de reproduzirem modelos heterossexuais em seus relacionamentos, como, por exemplo, a distinção de quem é o “homem e a mulher” na relação entre dois homens ou duas mulheres.

Butler ainda defende que o gênero “é limitado pelas estruturas de poder no interior das quais está situada [...]” (SALIH, 2012, p.72), afirmando que o gênero é uma reprodução de signos, ações e discursos impostos, não sendo uma essência, algo que já se nasce com ser o humano. A famosa frase da filósofa francesa Simone de Beauvoir (1980) - “não se nasce mulher, torna-se mulher” - não fala especificamente sobre a questão de gênero ou de biologia, mas sim do ser mulher, enquanto construção

---

<sup>7</sup> Utilizamos o jogo de palavras para sinalizar que as práticas sociais vão além dos atos locutórios.

sócio cultural, porém podemos nos apropriar dessa expressão para caracterizar o gênero como um *devir*, algo contínuo.

Por volta dos anos 1960, os estudos/movimentos feministas no cenário brasileiro, na luta pelo direito das mulheres, em conjunto com os movimentos de gays e lésbicas provocaram novas discussões das identidades de gênero, contribuindo assim para o pensamento político-filosófico da teoria *queer* (LOURO 2015). Partindo do princípio de que a identidade de gênero é construída socialmente, através de processos culturais, das relações sociais e moldadas pelas redes de poder. A teoria *queer* problematiza ainda mais essa questão, reconhecendo que para que haja uma ruptura dessas estruturas sociais, é preciso promover uma interpelação do próprio conceito de gênero (LOURO 2015).

A teoria *queer* e seus principais autores vêm justamente para questionar essa construção da identidade do sujeito, problematizar como se deram essas estruturas vigentes de controle e poder. Mas por que as estruturas subversivas são subversivas? Existe um “eu” ou “nós” que determinou isso? O impacto dessa teoria se dá justamente por ela questionar os padrões dominantes e pensar o sujeito fora deles. Butler (2015), em seus estudos, apresenta uma discussão que chama muita atenção e faz parte da análise que pretendemos fazer neste artigo sobre a série “Quem sou eu?” Ela sinaliza que, a partir do momento que definimos algumas identidades, estamos excluindo outras existentes e acabando por oprimir outros sujeitos. O *queer* é justamente isso, o infinito, o indefinido, que está em uma posição e não é ela, vive em uma trajetória que não necessita de um início ou fim.

Nas palavras de Louro (2015), ser *queer* é: “(...) um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro nem o quer como referências; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do “indecidível”<sup>8</sup> É nesse território, onde os corpos que (trans)itam<sup>9</sup> na intransigência, rompem e ultrapassam a configuração da normatização que os questionamentos são levantados e as rupturas acontecem.

<sup>8</sup> Trecho retirado da quarta capa do livro “Um corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer”. Referência completa no final do trabalho.

<sup>9</sup> Novamente, utilizamos esse jogo de palavras para acentuar outra leitura. Nesse caso, a separação silábica conduz um prefixo que identifica as populações, transgêneros. Utilizamos este termo por entender que esta população rompe com a ideia cisgênera da normatização.

Aos corpos são dados as normas e a esses corpos *queers*, intransigentes a elas, respondem com desvios da incorporação do meio que é disponível.

A teoria *queer* se fundamenta, portanto, nesses processos de ruptura e na busca constante da promoção do questionamento do nosso olhar (subjugado pela ordem social, pela experiência social). É a caça pela problematização, não de uma visão minoritária na busca pela defesa de “alguns sujeitos”, mas pelo questionar de toda uma sociedade. É a mudança do eixo da política sexual, sobretudo dos próprios sujeitos.

### **Colocando um pouco de *queer* em “Quem sou eu?”**

Na abertura de “Quem sou eu?”, o apresentador, Tadeu Smith, explica o tema que será proposto na série e elucida algumas questões referentes à significação dos termos que serão utilizados para a “população transgênera”. Ele profere o seguinte enunciado: “Gênero é o que identifica homens e mulheres. Ou seja, masculino e feminino. E transgêneros são aqueles que vão além do simples conceito de masculino e feminino.” Essa fala de Tadeu Smith não aprofunda para “além do simples conceito”. Fica um espaço vago na conceptualização do termo transgênero. Além disso, em seu discurso, é evidente o posicionamento ideológico, baseado no binarismo: masculino e feminino.

Em outro momento, na sequência dessa narrativa audiovisual, a repórter Renata Ceribelli corrobora com essa afirmação, reproduzindo outro discurso binário ao afirmar o seguinte enunciado: “Gênero só existe dois: o masculino e o feminino. Transgênero é uma pessoa que não se identifica com o gênero de nascença. Por exemplo, uma pessoa que nasce homem e não se sente do gênero masculino. Ou que nasce mulher, e não se identifica com o gênero feminino”.

Esses enunciados já indicam que há um jogo de relações estabelecidas entre o “nós” e “eles” que vai estruturando as relações de poder presente na série. A “nós” que pertencemos aos gêneros estamos amparados nas categorias de masculino e feminino. A “eles”, os transgêneros estão amparados na categoria de “além do simples conceito”. Esse produto jornalístico exercita assim apenas duas formas de expressar a identidade de gênero, o ato discursivo legitima a concepção das relações

pré-determinadas, pré-estabelecidas ligadas ao aparato fisiológico sexual, atribuindo o gênero a um processo nato. “A ordem “funciona” como se corpos se carregassem uma essência desde o nascimento” (LOURO 2015). A partir dessas duas afirmativas, já é possível traçar duas concepções utilizadas na série: gênero e transgênero e esse vai ser um discurso ideológico que estrutura toda a produção.

Na sequência, Renata Ceribelli justifica a postura baseando-se em princípios da diversidade da sociedade e a série traça um paralelo utilizando a obra de ficção “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll, “para ajudar no entendimento do assunto”, dos transgêneros:

Alice no país das maravilhas. Quem nunca ouviu falar nesse livro? Ele foi escrito há 102 anos pelo inglês Lewis Carroll. E já foi recontando inúmeras vezes das mais diferentes formas. A partir de hoje nós vamos mostrar essas histórias pelo olhar da Alice. Ela vai representar todas essas pessoas que sentem que nasceram em um corpo errado e estão em busca da sua identidade.

Após essa fala, transcrita na íntegra acima, a cada assertiva enunciada pelos apresentadores e pela repórter as histórias dos personagens transgêneros vão sendo reveladas. Cada personagem vai compartilhar uma vivência experimentada “do ser transgênero”. Para nós, interessa analisar como o discurso se apresenta na construção dessas narrativas.

A apresentadora Poliana Abritta profere a seguinte afirmativa: “Você se olha no espelho e não gosta do que vê. O corpo parece inadequado, mais do que isso. Parece simplesmente intolerável” e o apresentador Tadeu Smith continua: “É isso que sentem os transgêneros, antes de promover uma mudança no próprio corpo e ter a aparência que sempre desejaram. Só que essa mudança, esse caminho pro homem se assumir como mulher, ou uma mulher se assumir como um homem, não é nada simples. Poliana Abritta conclui: “E aí eles se deparam com o *bullying*, o preconceito. Com a perigosa tentação da automedicação”.

O segundo capítulo da série traz logo no início a problemática sobre a transexualidade e a prostituição, a partir do gancho da história de Taís que enuncia “Eu sou do interior e lá as pessoas não têm conhecimento do que é uma pessoa transexual”. Esse tipo de discurso reforça a ideia de atraso das pessoas do interior (do Nordeste), sem considerar que mesmo nos grandes centros, como ela que se mudou

para Curitiba-PR, e em outros espaços urbanos não há muitas possibilidades de socialização, segurança e liberdade às pessoas transgêneras e isso é apresentado em um diálogo entre Renata Ceribelli e Taís, sem contar que, nesse segundo capítulo, faltou também a provocação sobre quais os motivos estruturais que levam essas mulheres a ter muitas vezes como única opção de trabalho e geração de renda a comercialização de seus corpos.

A série muito rapidamente indica que os transgêneros precisam se esconder durante o dia e viver durante a noite à revelia de uma socialização sadia e construção laços afetivos. “Hoje em dia, muitas trans, muitas da gente tem medo de ir ao shopping, medo de ir numa pizzaria por que já sabe como vai ser recebida”. E a repórter Renata Ceribelli questiona “É uma vida solitária?” e a Taís responde: “Sim. Amigos, família, pessoas que acabam afastando de você por motivo nenhum, pelos simples motivo de você viver na condição que sempre se sentiu”.

O discurso realizado por ambos direcionam para seguinte conclusão: há uma generalização dos corpos, uma visão simplista e normatizadora que atribuem a todos os transgêneros. Como dois sujeitos cisgêneros podem presumir que os corpos dos transgêneros são vistos por eles de forma inadequada? De que forma esses corpos não estão adequados? Aos papéis de gêneros? Para eles, há inadequação dos corpos desses sujeitos e não um reducionismo na classificação dos corpos como apontam os estudos *queers*. Além disso, as experiências descritas e o uso de argumentos de histórias concretas destacam opiniões negativas sobre esses grupos de pessoas. Para certificação desse tipo de enunciado, a série apresenta como estratégia o uso das experiências pessoais de um transgênero e, logo, são vistas explicações científicas, na voz de psicólogos e psicanalistas, enquanto “verdadeiras”, oferecendo “provas” para gerar as conclusões negativas legitimadas pelo discurso da repórter para esse grupo.

Em consequente, a repórter Renata Ceribelli conta a história de um personagem, chamado Bernardo. Em meio ao relato de sua história, a jornalista exprime o seguinte enunciado: “Ele está mais próximo do dia que vai fazer um tratamento hormonal, para que seu corpo ganhe traços mais masculinos”. Essa fala condiciona para atribuição de gêneros mais uma vez e seu discurso nos leva a questionar: O que seriam traços mais masculinos? Louro (2015) responde a nossa pergunta sinalizando que há uma posição determinante de lugares sociais baseados



nos corpos, indicando para um determinado gênero “(...) é no corpo e através do corpo que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam” (p.85).

Mas, essa repórter continua a contar as histórias e, quando volta a falar de Bernardo, afirma: “Nasceu em um corpo de menina. Se sente menino e é bissexual. O caso de Bernardo serve para entender que identidade de gênero é uma coisa. E orientação sexual é outra”. Embora em seu discurso haja a explicação para gênero e sexualidade, há a reprodução da ideia da necessidade da atribuição de uma identidade de gênero e essa é colocada enquanto natural, através da perspectiva do nascimento: “nascemos meninas e nascemos meninos”. Além disso, ela nega ao sujeito a existência de uma identidade diferente do binarismo social ao selar que ele nasceu em um corpo a qual não lhe pertence. Sem contar que ao evidenciar a sua sexualidade: “e bissexual” soa como se Bernardo, transexual extrapolasse a barreira do binarismo de gênero e sexual, pois além de não se identificar com o gênero de nascimento, também não se limita ao binarismo de relações homossexual x heterossexual.

O novo movimento *queer* voltava sua crítica à emergente heteronormatividade, dentro da qual até gays e lésbicas normalizados são aceitos, enquanto a linha vermelha da rejeição social é pressionada contra outr@s, aquelas e aqueles considerados anormais ou estranhos por deslocarem o gênero ou não enquadrarem suas vidas amorosas e sexuais no modelo heterorreprodutivo (MISKOLCI, 2012, p. 25)

Na abertura do terceiro capítulo da série, ficamos sabendo que vai ser narrada a vida de Maria Helena. A apresentadora Poliana Abritta afirma o seguinte enunciado: “Nos últimos dois domingos a gente mostrou aqui como é difícil nascer com o corpo de uma mulher, e pensar como um homem, ou o contrário. Se sentir mulher, mas ver uma imagem de um homem no espelho.” Tadeu Smith contribui para esse discurso, abrindo para a história de mais um personagem: “Uma angústia que se manifesta já na infância. Mas é só na vida adulta que os transgêneros podem dar o passo definitivo no processo de transição. A intervenção cirúrgica.” Como a narrativa audiovisual em análise expressa nos enunciados anteriores, Tadeu contribui para o discurso do processo de intervenção dos corpos para a essencialidade do reconhecimento de suas identidades de gênero, ficada no binarismo: homem-mulher.

Não provocando, por exemplo, a existência de casos de pessoas transgêneras que não desejam modificar seus corpos, por entender que ser homem ou mulher, vai muito além da questão biológica. Na perspectiva *queer*, as identidades socialmente prescritas são uma forma de disciplinamento social, de controle, de normalização (MISKOLCI, 2012).

Neste capítulo, a repórter Renata Ceribelli ainda afirma: “Em todo o ano de 2016, foram feitas pelo SUS trinta e quatro operações de mudança do órgão sexual masculino para o feminino. Mas é possível fazer pela rede pública outros tipos de cirurgia, como: o implante de prótese de silicone; operação na garganta para mudança do timbre de voz; e para os homens trans, a retirada dos seios.” O processo binário ainda está presente aqui. A interpretação apresentada para a cirurgia de transgenitalização é atribuída enquanto troca. De um aspecto físico ligada a determinada identidade de gênero para o outro.

Por fim, no último capítulo, a discussão entra no campo da afetividade. Como fio condutor para esse tema, conhecemos Alessandra. Renata Ciribelli profere: “Alessandra é difícil olhar para você, ver assim uma mulher bonita e imaginar que onze anos atrás você tinha um corpo de homem, se vestia como homem, tinha um nome de homem. Que revolução foi essa que aconteceu em sua vida?” Em seguida, continua: “Quando fez dezoito anos, Alessandra ou leka, como gosta de ser chamada. Decidiu que nunca mais ia se apresentar com seu nome de batismo. Nem voltaria a usar roupas de homem. Assumi totalmente sua identidade feminina. Começou a trabalhar como cabelereira e há três anos entrou em uma sala de cirurgia para última etapa dessa transformação. E prossegue: “Assim como na história de Alice no país das Maravilhas, em que a garota se dá conta de que tudo não tinha passado de um sonho, depois da cirurgia leka despertou para a realidade e percebeu que tudo seria parecido com o que ele já tinha vivido até então”.

Em seus discursos, Renata Cerribeli, mais uma vez, utiliza da ideia binária dos corpos e nitidamente atribuem os papéis de gênero normatizados pela sociedade, adequando ao corpo de Alessandra. Essa perspectiva vai se moldando ao ser evidenciado em seu discurso, “o corpo de homem e o corpo de mulher”. Além disso, a jornalista utiliza da ideia de completude de um corpo transgênero a partir da ótica cirúrgica.

## **À guisa de algumas poucas conclusões**

O que é um gênero feminino? O que é um gênero masculino? O que são pessoas transgêneras? Afinal, teríamos corpos não nomeados pela cultura? A discussão de gênero nem sempre foi homogênea. Sua classificação, terminologia e atribuição foi usada/determinada em diferentes sentidos e contextos históricos, políticos e sociais. Durante muito tempo, a nomenclatura de gênero serviu para dar significação aos traços culturais, comportamentais e afetivo-sexuais dos sujeitos para seus corpos. Relacionando esses traços ao aparato fisiológico sexual de cada indivíduo. Nossa sociedade produziu/produz um enquadramento dos corpos, baseado em uma perspectiva binária: a relação entre macho/fêmea, masculino/feminino e homem/mulher.

Além disso, as estruturas de poder utilizam dessa relação linear e binária para controlar nossos desejos, práticas sociais, a sexualidade e a nossa identidade com o gênero. Uma estratégia foi resumir na terminologia “gênero” – e classificar - as diferentes identidades de gênero e sexualidade

Este artigo vai além da simples necessidade de conceptualização e descrição de fatos. Busca, através da luz da teoria *queer*, evidenciar que os processos de afirmação e/ou transgressão dos corpos estão sendo deslegitimados pelo discurso jornalístico. Nossa análise indicou que o discurso adotado pelos meios de comunicação, particularmente da série “Quem sou eu?”, reforçam as normas regulatórias que expressam à atribuição de duas únicas identidades de gênero. O telejornalismo, portanto, apresenta-se como um instrumento midiático que reforça a heteronormatividade compulsória combatida pela teoria *queer*. Uma constatação que só aparece quando jogamos um pouco de *queer* nas análises de conteúdo e discursos produzidos no campo da comunicação (anti)social.

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- COLLING, L. **Como pode a mídia ajudar na luta pelo respeito à diversidade sexual e de gênero?** In: Olhares plurais para o cotidiano. Gênero, sexualidade e mídia. Disponível em:<<https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/ebook-olhares-plurais.pdf>> Acessado em: 25.abri.2017.
- LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade .m corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte, Autêntica, 2015.
- LOURO, Guacira. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte, Autêntica, 2015.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- SENKEVICS, Adriano. **O conceito de gênero por Judith Butler: a questão da performatividade**, 2012. Disponível em: <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/05/01/o-conceito-de-genero-por-judith-butler-a-questao-da-performatividade/>>. Acesso em: 16 abr. 2017.
- VIEIRA, Helena. **O que é a Teoria Queer, de Judith Butler?**, 2016. Disponível em: <<http://paradasp.org.br/o-que-e-a-teoria-queer-de-judith-butler/>>. Acesso em: 16 abr. 2017.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica/UFOP, 2012.